

Políticos já enxergam 90

Os políticos de modo geral estão com um pé fora da campanha presidencial, já de olho em 1990, quando serão eleitos os governadores e renovada a Câmara além de um terço do Senado. Na verdade a sucessão do Presidente da República é um cenário perfeito ao lançamento dos atores para a temporada do próximo ano, a começar pelos atuais "presidenciais". Todos, à exceção talvez do senador Mário Covas e do deputado Ulysses Guimarães, irão disputar os governos de seus estados se perderem a eleição deste ano. Leonel Brizola e Fernando Collor de Mello disputarão o Governo do Rio de Janeiro; Guilherme Afif, Paulo Maluf e Luiz Inácio da Silva, o de São Paulo; Roberto Freire, o de Pernambuco; Aureliano Chaves, o de Minas; Afonso Camargo, o do Paraná; Ronaldo Calado, o de Goiás.

As duas exceções são determinadas por opções pessoais dos candidatos. Ulysses encerrará a carreira política se perder a eleição presidencial. Nunca havia disputado antes um pleito majoritário e não se arriscaria a mais um. Mário Covas, por sua vez, seria regido por um compromisso de não disputar o Governo de São Paulo, por um princípio ético, para dar a vez a companheiros de fundação dos "tucanos", como o ex-governador Franco Montoro e o senador Fernando Henrique Cardoso.

Outro interessante fenômeno a ser criado pelas eleições de novembro próximo é que vários candidatos a vice-presidente, se perderem, ser-ao também candidatos a gover-

nador em 1990: o deputado Fernando Lyra, em Pernambuco, pelo PDT, fatalmente enfrentará o ex-governador Roberto Magalhães, pelo PSDB, caso ambos sejam derrotados, tendo ainda como oponente o deputado Roberto Freire. Vai ser provavelmente a disputa mais eletrizante do País, pois nela se envolverão ainda forças como as do senador Marco Maciel e do prefeito Joaquim Francisco, pelo PFL, e o ex-deputado Jarbas Vasconcelos, presidente nacional do PMDB.

Não somente os "presidenciais", mas também com os seus vices envolvidos na luta pelo poder estadual em 1990, será a eleição mais renhida de todos os tempos, bem dizer uma continuidade do pleito presidencial, herdando portanto todas suas emulações e tensões. O candidato que se eleger Presidente da República terá imediatamente formada contra si uma frente oposicionista barulhenta e poderosa, para apontar erros e cobrar providências de um governo que estará imobilizado pela escassez de recursos. Como em 1990 essas dificuldades chegarão ao ápice devido aos cortes promovidos pela Lei de Diretrizes Orçamentárias, pode-se prever uma avalanche de votos para a oposição, elegendo governadores dos partidos que estiverem contrários ao novo Presidente da República. Em razão dessa relação de causa e efeito que liga a eleição deste à de 1990, é que se observam tantos políticos tranqüilos, como, por exemplo, o governador Orestes Quêrcia.